

Mineiro sabe duas coisas: solfejar e latim

JULIO MEDAGLIA

Quando um monarca europeu se instala, com armas e bagagens, num ponto distante e mesmo ultramarino de seu reinado, e para lá transfere os hábitos e a infra-estrutura básica da capital – edificando bancos, jornais, espaços culturais, hospitais, museus, jardins botânicos, academias, etc. – é absolutamente compreensível. Acontece que, quase um século antes de D. João VI mandar Portugal às favas e partir para a salvaguarda deste Patropi – temendo Napoleão, mas, felizmente contando com a imparcial e fraterna ajuda, em mares antes lusitanos, das frotas de Albion – neste rincão longínquo da civilização, em meio a sertões e inatingíveis alterosas, já se ouviam sofisticados quartetos de cordas, ricas montagens operísticas, e o povo participava de solenidades de toda natureza com acompanhamento de múltiplos corais, massas de violinos e rabecões, flautas, oboés, trompas e órgãos fabricados na região (os inicialmente trazidos do continente europeu não resistiam ao clima e à ação dos roedores).

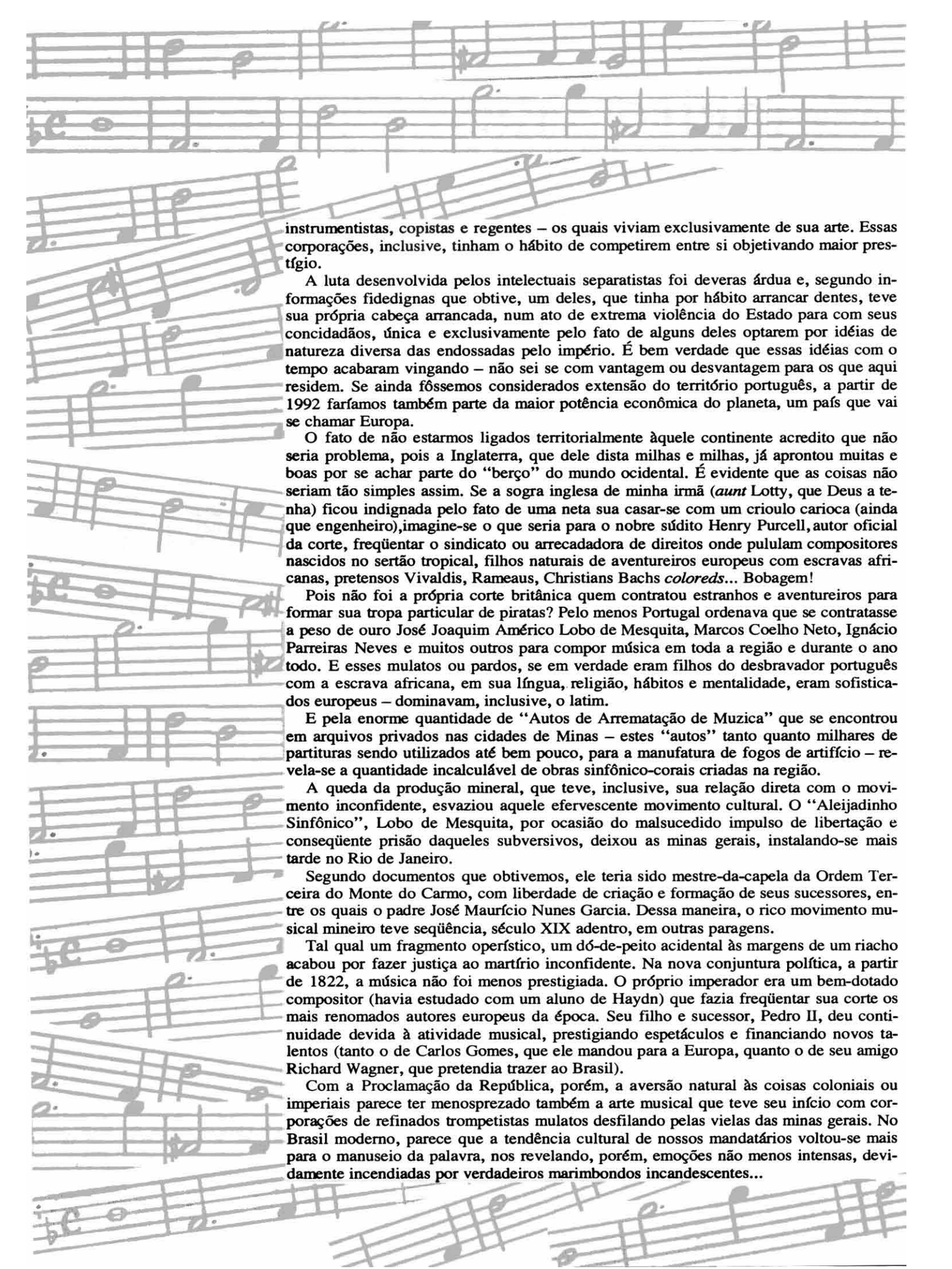
Naquele século XVIII, extraía-se o ouro, mas implantavam-se práticas culturais sofisticadas. Imagine-se Niemeyer construindo templos monumentais em Serra Pelada, baianos abandonando o garimpo e dedicando-se à construção de sintetizadores (contando apenas com alguns poucos componentes trazidos da Zona Franca de Manaus) e, ao invés de solicitarem partituras ou a presença do próprio Stockhausen, eles mesmos as criariam para solenidades civis, religiosas e militares das quais os caçadores de fortuna da região participariam livremente – sendo que a linguagem composicional dessas obras estaria absolutamente em pé de igualdade com a da vanguarda européia ou norte-americana atual. Embora isso pareça delírio imaginativo, já foi uma realidade tácita há duzentos anos. Em verdade, aqueles intelectuais subversivos que se diziam inconfidentes jamais poderiam se queixar do fluxo informativo que Portugal lhes permitia. Quem sabe se aquelas rebeldes pretensões separatistas (tanto quanto os rebuliços sociais na França de 1789) não adivinham de informações chegadas a Vila Rica de que um território igualmente grande, ao norte do continente, havia se desligado da Europa pouco tempo atrás?!

Se um quarteto de cordas de Haydn fora exaustivamente executado em Vila Rica (as partes instrumentais encontradas, transcritas por um copista profissional de nome Maciel, estavam repletas de pingos de vela e as pontas inferiores do papel, ralas pelo manuseio excessivo), e isto quatorze anos antes do compositor falecer em Viena, imagine-se se uma notícia tão transformadora como a da independência americana não teria chegado ao pivô econômico do império com a mesma rapidez?

Na verdade, nunca, na história destas plagas capricornianas, ouviu-se tanta, tão sofisticada e bem informada música como naquele século XVIII.

Os meios de comunicação modernos mostraram à exaustão a vida modesta e as ruelas de São João Del Rei por ocasião da morte e sepultamento recentes de um político famoso. Pois saiba-se que uma única “corporação musical” ali existente possuía sob contrato nada menos de 120 músicos profissionais do mais elevado nível – entre compositores,

JÚLIO MEDAGLIA é maestro, compositor e autor de *Música Impopular* (Editora Global).



instrumentistas, copistas e regentes – os quais viviam exclusivamente de sua arte. Essas corporações, inclusive, tinham o hábito de competirem entre si objetivando maior prestígio.

A luta desenvolvida pelos intelectuais separatistas foi deveras árdua e, segundo informações fidedignas que obtive, um deles, que tinha por hábito arrancar dentes, teve sua própria cabeça arrancada, num ato de extrema violência do Estado para com seus concidadãos, única e exclusivamente pelo fato de alguns deles optarem por idéias de natureza diversa das endossadas pelo império. É bem verdade que essas idéias com o tempo acabaram vingando – não sei se com vantagem ou desvantagem para os que aqui residem. Se ainda fôssemos considerados extensão do território português, a partir de 1992 faríamos também parte da maior potência econômica do planeta, um país que vai se chamar Europa.

O fato de não estarmos ligados territorialmente àquele continente acredito que não seria problema, pois a Inglaterra, que dele dista milhas e milhas, já aprontou muitas e boas por se achar parte do “berço” do mundo ocidental. É evidente que as coisas não seriam tão simples assim. Se a sogra inglesa de minha irmã (*aunt* Lotty, que Deus a tenha) ficou indignada pelo fato de uma neta sua casar-se com um crioulo carioca (ainda que engenheiro), imagine-se o que seria para o nobre súdito Henry Purcell, autor oficial da corte, freqüentar o sindicato ou arrecadadora de direitos onde pululam compositores nascidos no sertão tropical, filhos naturais de aventureiros europeus com escravas africanas, pretensos Vivaldis, Rameaus, Christians Bachs *coloreds*... Bobagem!

Pois não foi a própria corte britânica quem contratou estranhos e aventureiros para formar sua tropa particular de piratas? Pelo menos Portugal ordenava que se contratasse a peso de ouro José Joaquim Américo Lobo de Mesquita, Marcos Coelho Neto, Ignácio Parreiras Neves e muitos outros para compor música em toda a região e durante o ano todo. E esses mulatos ou pardos, se em verdade eram filhos do desbravador português com a escrava africana, em sua língua, religião, hábitos e mentalidade, eram sofisticados europeus – dominavam, inclusive, o latim.

E pela enorme quantidade de “Autos de Arrematação de Muzica” que se encontrou em arquivos privados nas cidades de Minas – estes “autos” tanto quanto milhares de partituras sendo utilizados até bem pouco, para a manufatura de fogos de artifício – revela-se a quantidade incalculável de obras sinfônico-corais criadas na região.

A queda da produção mineral, que teve, inclusive, sua relação direta com o movimento inconfidente, esvaziou aquele efervescente movimento cultural. O “Aleijadinho Sinfônico”, Lobo de Mesquita, por ocasião do malsucedido impulso de libertação e conseqüente prisão daqueles subversivos, deixou as minas gerais, instalando-se mais tarde no Rio de Janeiro.

Segundo documentos que obtivemos, ele teria sido mestre-da-capela da Ordem Terceira do Monte do Carmo, com liberdade de criação e formação de seus sucessores, entre os quais o padre José Maurício Nunes Garcia. Dessa maneira, o rico movimento musical mineiro teve seqüência, século XIX adentro, em outras paragens.

Tal qual um fragmento operístico, um dó-de-peito acidental às margens de um riacho acabou por fazer justiça ao martírio inconfidente. Na nova conjuntura política, a partir de 1822, a música não foi menos prestigiada. O próprio imperador era um bem-dotado compositor (havia estudado com um aluno de Haydn) que fazia freqüentar sua corte os mais renomados autores europeus da época. Seu filho e sucessor, Pedro II, deu continuidade devida à atividade musical, prestigiando espetáculos e financiando novos talentos (tanto o de Carlos Gomes, que ele mandou para a Europa, quanto o de seu amigo Richard Wagner, que pretendia trazer ao Brasil).

Com a Proclamação da República, porém, a aversão natural às coisas coloniais ou imperiais parece ter menosprezado também a arte musical que teve seu início com corporações de refinados trompetistas mulatos desfilando pelas vielas das minas gerais. No Brasil moderno, parece que a tendência cultural de nossos mandatários voltou-se mais para o manuseio da palavra, nos revelando, porém, emoções não menos intensas, devidamente incendiadas por verdadeiros marimbondos incandescentes...